

## REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE ENSINO, APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO: ANÁLISE DE DADOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

Flávia Meira dos Santos;  
Universidade Estadual da Paraíba – ([flavinhaasantos20@gmail.com](mailto:flavinhaasantos20@gmail.com))

Josiane Dantas Lúcio;  
Faculdades Integradas de Patos – ([josiii.dl@gmail.com](mailto:josiii.dl@gmail.com))

Mayrla Ferreira da Silva;  
Universidade Estadual da Paraíba – ([mayrlaf.silva2@gmail.com](mailto:mayrlaf.silva2@gmail.com))

**RESUMO:** Muitos consideram o processo de ensino e aprendizagem como apenas um, porém eles são processos distintos visto que há o momento de ensinar (prática do professor) e o momento de aprender (prática do aluno). Nesse meio termo há outro processo que é o de avaliação, que é tão importante que alimenta os outros dois. Mas, apesar de distintos esses três processos estão intrinsecamente ligados entre si, mantendo quase que sempre uma relação de dependência. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo principal discutir sobre o processo de ensino, aprendizagem e avaliação a partir de observações e análises feitas no estágio supervisionado I, numa escola de ensino fundamental II, na cidade de São Bento – PB. Para isso, primeiro será exposto o resultados das observações feitas e posteriormente essas serão analisadas e discutidas. Assim, esse trabalho é justificável pela importância que o estágio traz a formação do futuro docente e também para que se torne um campo de discussões sobre as mais variadas práticas abrindo espaço a mais debates nessas áreas.

**Palavras-chave:** Ensino. Aprendizagem. Avaliação. Estágio Supervisionado.

### INTRODUÇÃO

Sabemos que a prática do estágio supervisionado é de grande relevância para formação do novo profissional em qualquer que seja a área, e na educação não é diferente. Quando o graduando de licenciatura vai até uma escola observar as práticas de ensino dos professores, o comportamento dos alunos e a gestão escolar, está tendo um contato com a instituição Escola agora de uma visão diferente, pois como expectador pode-se observar tudo de uma forma mais ampla e conseqüentemente perceber se existe um elo entre a teoria estudada e a prática.

Desse modo, é justificável então refletirmos sobre o processo de ensino, aprendizagem e avaliação fazendo uma ponte com o que se é observado em sala de aula. Assim, o nosso trabalho objetiva discutir sobre esse processo a partir de observações feitas em

uma escola de ensino fundamental II da rede pública estadual localizada na cidade de São Bento-PB. Para tanto iremos nos utilizar basicamente do aporte teórico de Saint-Onge (1999), Dias (2011), Lopes e Silva (2011), Freire (1996), Freire (2005), Moretto (2005), PCNs (1998) e Perrenoud (2001).

## **METODOLOGIA**

Nossa pesquisa se caracteriza primeiro como uma revisão bibliográfica, pois busca discutir a partir dos teóricos citados a cima o processo de ensino, aprendizagem e avaliação. Além disso, também é uma pesquisa analítica de cunho qualitativa, pois analisa as práticas observadas na escola campo de estágio de ensino fundamental. A mesma conta com 407 alunos divididos nos turnos manhã/tarde e está localizada na cidade de São Bento, Paraíba, em um bairro do centro. Foram observadas 10 aulas em um 8º ano, na turma C. As observações foram feitas buscando perceber os vários aspectos que fazem parte do processo que será aqui estudado.

## **3 RESULTADOS**

Nesse tópico, apresentaremos em forma de tabela o resultado das observações feitas no estágio supervisionado I com o auxílio da matriz de observação<sup>1</sup> do Projeto AVENA.

<b>Disciplina: Língua Portuguesa</b> <b>Docente(s): XXXXXXXXXXXXXXXX</b> <b>Número de observações: 10 aulas</b> <b>Data e hora: Entre os dias 01 e 15 de março de 2016, no horário vespertino.</b> <b>Observador(es): Flávia Meira dos Santos</b> <b>Número de estudantes: 28</b>	
<b>Organização da aula</b>	<b>Observações</b>
<b>Ensino</b>	A docente observada adota uma tipologia de ensino que perpassa entre a exposição e a interação convidando os estudantes a participarem das atividades tanto de forma oral, como de forma escrita. Sempre que

<sup>1</sup> Ofertada no componente curricular da instituição UEPB (Campus IV) chamado Processo Didático, Planejamento e Avaliação;



	<p>necessário ela revisa os conteúdos programados e apesar de alguns alunos não terem recebido o livro didático, esse é o material mais utilizado nas atividades, tendo como função principal a resolução de exercícios nas aulas, além de apresentação de conceitos; As tarefas propostas são, na maioria das vezes, de acordo com esse livro e a docente promoveu tanto tarefas individualmente como também em duplas e grupos. Essas eram orais, escritas e pesquisas em internet com objetivos de verificar o aprendizado de sala de aula. Após sua aula, ela finalizava cada atividade com a correção da mesma depois dos alunos terem respondido. Quanto às próximas aulas, a professora não indicou quais seriam as atividades, mas indicou tarefas de casa, como a pesquisa de uma música para a produção de uma paródia sobre a dengue. A docente introduziu suas aulas ora com leituras, ora com revisões e correções de atividades das aulas anteriores. Os grupos de trabalhos eram organizados de maneiras aleatórias, conforme o ciclo de amizade dos alunos; Quando algum grupo/aluno terminava a tarefa ficava em sala, esperando os outros terminarem também. E se algum grupo/aluno não a terminasse no tempo determinado ficaria para casa. Ao final, para o esclarecimento das dúvidas, na hora da realização da atividade, os alunos consultam os colegas e a professora. Na hora da correção alguns ainda tiravam suas dúvidas.</p>
<b>Aprendizagem</b>	<p>A maior parte dos estudantes participava de forma interativa, pois eram solicitadas atividades em quase todas as aulas. Após a apresentação da tarefa eles procuravam realizá-la em um menor tempo possível. Na sala de aula, a professora e os alunos interagiam entre si e a maior dificuldade desses era frente a interpretação de textos e perguntas do livro didático; Quanto ao feedback, a docente utilizava-se pouco dele e sua natureza era na maioria das vezes de forma oral;</p>
<b>Avaliação</b>	<p>Durante o tempo observado, foi realizada em uma aula uma avaliação. A docente utilizou-se da prova escrita e sua natureza era somativa. A avaliação ocorreu apenas após algumas</p>

aulas em que a docente fez a exposição dos conteúdos. Os estudantes foram avaliados pela docente, porém a mesma não foi avaliada pelos alunos. Além disso, não existiram práticas de auto nem de heteroavaliação;

Fonte: Projeto AVENA.

#### 4 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS DADOS

Com bases nos dados citados acima, iremos agora analisar os aspectos do processo de ensino, aprendizagem e avaliação tendo em vista as concepções de teóricos como Saint-Onge (1999), Dias (2011), Lopes e Silva (2011), Freire (1996), Freire (2005), Moretto (2005), PCNs (1998) e Perrenoud (2001).

A docente observada tem uma metodologia de ensino mesclada entre a exposição – visto que expõe os conteúdos em sala de aula de forma clara, expressando segurança e capacidade de comunicação – e a interação, pois a todo o momento solicita os alunos a participarem da aula. Durante as observações feitas sobre o ensino, ficou perceptível que em alguns momentos a docente não fez nenhum reajuste no programa e apesar de também utilizar-se de interação em suas aulas pouco conseguiu incentivar os alunos a autonomia e o pensamento crítico. Todavia, mesmo com algumas lacunas, a estratégia de mesclar a exposição com a interação em aulas de Língua Portuguesa pode ser bastante pertinente nos dias atuais, visto que o ensino já foi apenas transmitir conteúdos.

Essa ideia perpassou e ainda perpassa a atuação de muitos profissionais da educação, pois está baseada em teorias como, por exemplo, o Behaviorismo de Skinner (Psicologia) e a Concepção Bancária de Paulo Freire apresentada no livro *Pedagogia do Oprimido* (2005). Além disso, a contribuição da Linguística Saussuriana que foca o estudo da língua apenas na estrutura, leva os professores a se tornarem mais diretivos centrando suas aulas no que chamamos de magistrais. Sobre isso Saint-Onge (1999, p. 9) afirma que:

“Ensinar é transmitir seus conhecimentos”. Eis uma definição corrente do ensino que limita consideravelmente a compreensão que se pode ter dessa atividade profissional. Com efeito, se ensinar consiste em “proclamar”, “enunciar”, “dizer”, “verbalizar” os próprios conhecimentos, a condição quase única de eficácia do ensino é o simples domínio da matéria a ser ensinada.

Desse modo, não haveria necessidade de uma didática pertinente, pois apenas o domínio do conteúdo daria conta do ensino, já que, nessa perspectiva, o professor é visto como um detentor do saber e o aluno é sempre o que nada sabe, como afirma Freire (2005, p. 66) ao dizer que: Na visão Bancária da Educação, “o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.” Assim, nessa concepção, existe uma relação de hierarquia em que o professor se põe superior aos seus alunos, pois para ele ensinar é apenas “expor” os conteúdos assim dominados por si mesmo. Todavia, devemos compreender que a exposição também é importante, mas ela sozinha não dará conta de um aprendizado significativo.

Assim, devemos considerar que a educação e a escola deve voltar-se principalmente à aprendizagem do aluno, visto que essa instituição existe para formar cidadãos e não apenas para que os professores exibam seus conhecimentos.

Segundo Freire (1996, p. 23)

É preciso que [...] desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é [apenas] transferir conhecimentos, [...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (grifos nossos)

Desse modo, o ensino depende da aprendizagem e vice-versa, porque o processo desse influencia totalmente as práticas daquele: “a significação do ensino depende do sentido que se dá a aprendizagem, e a significação da aprendizagem depende das atividades geradas pelo ensino” (Saint-Onge, 1999, p. 16). Ou seja, a práxis do ensino é totalmente direcionada a partir do objetivo da aprendizagem, visto que são processos diferentes, porém totalmente interligados, e os seus sujeitos estão em constante interação, isto é, existe o que chamamos de *relação pedagógica*.

Essa relação era a que a professora observada buscava a todo o momento, procurando estratégias e formas de fazer com que os alunos interagissem, pois se pensarmos na educação e na escola como instância formadora de cidadãos, pensaremos numa aprendizagem significativa que leve o aluno a se tornar um ser crítico, logo “ensinar vem se tornando estabelecer uma relação com pessoas, uma relação que envolve o outro numa trajetória de construção do próprio saber num campo determinado” (SAINT-ONGE, 1999, p. 10), ou seja, ensinar é uma relação de interação onde os sujeitos constroem juntos os conhecimentos.

Em relação à aprendizagem, a maior parte dos alunos observados se mostrava interessados e comprometidos, porém havia alguns que ficam dispersos e conversando, tentando atrapalhar o seguimento da aula. Assim, devemos compreender que para existir uma relação professor-aluno favorável ao aprendizado não depende apenas do docente, mas também dos discentes. Esses devem se comprometer em realizar atividades tanto dentro quanto fora da sala de aula, pois o processo de ensino e aprendizagem vai além das fronteiras da escola, visto que podemos considerar que nem tudo que o professor ensina os alunos aprendem e nem tudo que é aprendido por eles é fruto de uma interação com o docente. Ou seja, o aluno também pode aprender sozinho, mas essa aprendizagem deve ser monitorada pelo professor, apesar de não ser totalmente controlada por ele, pois como afirma Saint-Onge (1999, p. 175)

O que o aluno faz é determinante para o desenvolvimento de suas capacidades potenciais. É a forma pela qual ele processa as informações, a profundidade de seu processamento, que é determinante para a qualidade da aprendizagem. O tempo de estudo, em si mesmo, não é significativo; significativa é a natureza das atividades que ocupam esse tempo. Memorizar maquinalmente toma tempo, mas não produz uma aprendizagem de qualidade.

Ou seja, a aprendizagem não depende apenas do professor, mas também do desempenho que o aluno faz. Todavia, o docente tem que monitorar atividades que levem a uma aprendizagem autônoma e significativa e não apenas a reprodução. Tendo em vista que na escola observada o maior recurso utilizado para desenvolvimento dessas atividades era o livro didático, podemos afirmar que foram perceptíveis algumas lacunas. Primeiro que a acessibilidade a esse era um pouco difícil, visto que a quantidade de alunos era superior que a de livros disponíveis. E segundo, que apesar da professora estar o tempo todo solicitando tarefas, tentando fazer com que os alunos interagissem, ela pouco monitorou as atividades que estavam sendo realizadas em sala, e quando fez dava poucos *feedbacks* de forma oral. Em alguns casos os alunos não souberam aproveitá-los de forma significativa.

Após as discussões apresentadas pelos teóricos acima, podemos considerar então o ensino como uma atividade de interação totalmente dependente do objetivo que a aprendizagem determina. Ensinar é exercer uma função, extremamente profissional, que envolve dois ou mais indivíduos ao redor de um conteúdo, uma matéria, ou uma habilidade que deve ser aprendida. Portanto, aprender é mudar-se cognitivamente, pois como afirma Moretto (2005, p. 94) “fica claro que a construção do conhecimento é um processo interior do

sujeito da aprendizagem, estimulado por condições exteriores criadas pelo professor”, ou seja, aprendemos *construindo* novos saberes.

Logo, esses dois processos, apesar de distintos, alimentam-se. Todavia outra questão que deve ser destaca aqui é: como, então, perceber se a aprendizagem está sendo eficaz? E as práticas de ensino, estão sendo favoráveis a uma aprendizagem realmente significativa? Para respondermos essas questões, entra nesse processo a parte mais importante dele, que na maioria dos casos é menosprezada: a avaliação.

Durante as 10 aulas observadas, a professora fez uma avaliação após ter explicado alguns conteúdos em momentos anteriores, porém essa teve como finalidade apenas a obtenção da nota, visto que após a correção ela a entregou aos alunos e não promoveu discussão nenhuma, tentando dar de certa forma um feedback. Porém, não devemos enxergar a avaliação dessa maneira, ela é a parte mais importante de todo esse processo. Vamos entender então um pouco mais sobre ela. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

A avaliação deve ser compreendida como conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições. Para tanto, é preciso elaborar um conjunto de procedimentos investigativos que possibilitem o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para tornar possível o ensino e a aprendizagem de melhor qualidade. [...] Nesse sentido, deve ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagem, e não apenas em momentos específicos caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho. (BRASIL, 1998, p. 93)

Desse modo, seu papel é de suma importância para compreendermos todo o processo discutido anteriormente, pois é a partir da avaliação que percebemos como está a aprendizagem dos alunos e então refletimos sobre as práticas pedagógicas. Conforme Saint-Onge (1999, p.177) “é o conhecimento da aprendizagem que pode permitir-nos avaliar as práticas de ensino”. Ou seja, para conhecermos a aprendizagem, avaliamos os alunos e ao menos tempo estamos avaliando a nossa práxis. Porém, muitos docentes e discentes enxergam a avaliação apenas como a hora do acerto de contas, principalmente quando essa é uma prova escrita como a realizada nas aulas observadas. Segundo Perrenoud (2001, p. 81):

No trabalho escolar, a avaliação pode representar um terço ou mesmo de 40 a 50% do tempo de presença na sala de aula. No tempo de trabalho pessoal do professor, a preparação das provas e sua correção pesam muito. No entanto, esse componente da profissão é raramente mencionado. Ele faz parte daquelas coisas que devem ser feitas, mas que não parecem muito gloriosas. Por quê? [...] porque a avaliação é o componente menos confortável da prática, aquele em que a injustiça ameaça, aflora ou eclode, aquele em que o fracasso da escola manifesta-se através do fracasso de alguns alunos.

Ou seja, os professores sabem da importância que tem a avaliação para o processo de ensino e aprendizagem, porém os mesmos acham que avaliar é de certo modo cometer algumas injustiças. Mas devemos entender que isso tudo depende da forma como a avaliação é realizada. Quando a perspectiva de ensino é mais diretiva, os alunos apenas decoram o que foi ensinado pelo professor para aplicar na hora da prova. Esse tipo de ensino não gera uma aprendizagem significativa e tem como resultado apenas a obtenção de uma nota. A partir disso, não se pode pensar sobre as práticas docentes e quase sempre acontecem injustiças, refletidas nos fracassos dos alunos.

Porém devemos considerar que, através de uma concepção de ensino construtivista sociointeracionista, “a avaliação da aprendizagem é um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas” (MORETTO, 2005, p. 96), pois é nesse momento que avaliamos o real aprendizado dos alunos e podemos modificar nossa prática através disso. Além do mais quando nos utilizamos o que chamamos de *feedback avaliativo* enriquecemos essa aprendizagem pois damos o retorno ao alunos do que eles aprenderam e do que precisam aprender. Esse *feedback* não é apenas a nota, é também uma nova possibilidade dele perceber as inadequações presentes na sua avaliação e reformulá-las, *construindo*, desse modo, seu conhecimento. Porém, apesar de bastante eficaz essa prática muitos professores não a utilizam.

Sobre a definição, Lopes e Silva (2011, p. 47) dizem que “O *feedback* é uma informação fornecida por um agente (por exemplo, professor, colegas, livros, pais, ou a própria experiência) sobre aspectos do desempenho ou compreensão.”, ou seja, como dito antes, é um retorno que tem como função orientar, regular uma aprendizagem significativa.

Tunstall e Gipps (1996) citados por Dias (2011, p. 42) “distinguem dois tipos de *feedback* – o *feedback* avaliativo e o *feedback* descritivo –, o primeiro implica um juízo de valor sobre um trabalho realizado pelo aluno, o segundo relaciona-se com as tarefas que lhes são apresentadas.” Essa prática quando bem utilizada é de grande ajuda na regulagem do que o aluno já sabe e do que ele precisa aprender. Afirmando sobre isso Sadle (1989) citado por Lopes e Silva (2011, p. 48) diz que “A finalidade do *feedback* é reduzir as discrepâncias entre a compreensão e o desempenho actual do aluno e as finalidades ou os objetivos da aprendizagem. É esse o seu enorme “poder””.

Todavia, como observado, a professora em questão deteve a avaliação apenas a nota. Na sala de aula também não ocorreram avaliações da professora feita pelos alunos, nem práticas de auto avaliação e heteroavaliação.



Após essas breves discussões sobre o processo de ensino e aprendizagem, consideramos então que muitas vezes não podemos “rotulá-los” apenas como um, mas, sim, como três, pois vimos a grande importância da avaliação. Em resumo, a avaliação é o pontapé inicial desse processo todo, pois é avaliando a turma em um primeiro momento que podemos tirar algumas conclusões sobre a mesma. E em um segundo momento é avaliando a aprendizagem dos alunos que podemos, como dito antes, refletir sobre a nossa prática enquanto professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo discutir as concepções sobre ensino, aprendizagem e avaliação baseados em dados colhidos em uma escola de ensino fundamental II na cidade de São Bento-PB, onde foram observadas 10 aulas. Podemos perceber então que a professora busca inovar sua prática trazendo o conceito de interação para suas aulas, porém a mesma ainda continua um pouco diretiva em alguns momentos, frente à necessidade que alguns conteúdos exigem e frente alguns comportamentos dos alunos.

A docente apresenta algumas estratégias pertinentes visto que sempre iniciou suas aulas com uma retomada da anterior, estabelecendo um clima favorável a aprendizagem. Desenvolveu com os alunos atividades tanto de forma oral, como escrita visando aperfeiçoar as competências e habilidades dos mesmos, porém em alguns momentos deixou lacunas quanto ao incentivo do pensamento crítico deles, tendo em vista que essas atividades algumas vezes eram apenas de repetição.

Quanto aos alunos, alguns mostraram comportamentos adequados à sala de aula, outros estavam em conversas paralelas o tempo todo e era necessário então que a professora intervisse pedindo silêncio. A maior parte da turma realizou as atividades propostas pela docente e interagem com a mesma sempre que solicitado.

Finalmente, no que diz respeito à avaliação, existiu uma lacuna muito grande, pois a professora apenas realizou uma prova escrita com a finalidade de obtenção de uma nota sem nenhuma discussão após a sua correção para que os alunos pudessem aprender mais com esse momento tão importante desse processo. Além disso, esse tipo de avaliação é menos eficaz quanto à análise que se deve fazer da práxis educadora, pois na maioria das vezes os alunos apenas memorizam as informações que serão pedidas na prova sem que se tenha uma real avaliação do que eles aprenderam.

Em suma, para finalizar apontarei algumas sugestões. Se a professora em questão repensasse e mudasse sua prática de avaliação talvez tivesse um resultado melhor na percepção do que os alunos aprenderam realmente. Além disso, durante as aulas a mesma deveria monitorar as atividades realizadas, pois ao tempo que ela estaria sanando dúvidas e oferecendo *feedbacks*, estaria também avaliando os alunos e sua aula. Enfim, nós enquanto professores devemos aprimorar cada vez mais nossa prática para que possamos tentar oferecer uma aprendizagem significativa aos nossos alunos tendo em vista o objetivo de torná-los sujeitos críticos e pensantes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ secretaria de educação fundamental. Brasília: Mec/ Sef, 1998.

DIAS, Paulo Agostinho Lourenço. **Práticas de avaliação formativa na sala de aula:** regulação e *feedback*. Lisboa: 2011. Disponível em: <  
<http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2107>> Acessado em: 29/10/16

FERNANDES, Domingos; BORRALHO, António; BARREIRA, Carlos; MONTEIRO, Albêne Lis; CATANI, Denice; CUNHA, Emmanuel; ALVES, Palmira Maria (orgs). **PROJETO AVENA – Avaliação, Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior em Portugal e no Brasil:** realidades e perspectivas – matriz de observação. Portugal/Brasil, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOPES, José. SILVA, Helena Santos. **O professor faz a diferença.** Lidel- edições técnicas, ltda, Lisboa, 2011.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova** – um momento privilegiado de estudo – não um acerto de contas. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar:** agir na urgência, decidir na incerteza. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SAINT-ONGE, Michel. **O ensino na escola.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.